

farol



Inverno - 2023 | V. 19 | N. 28

Centro de Artes

Universidade Federal do Espírito Santo

Biblioteca Setorial do Centro de Artes – Universidade Federal do Espírito Santo

FAROL – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes – número 28 – Vitória : Centro de Artes/UFES, inverno 2023.

Semestral

ISSN 1517 - 7858

1.Artes – Periódicos . 2. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes.

CDU 7 (05)

farol

Inverno - 2023 - número 28, volume 19
Centro de Artes - Universidade Federal do Espírito Santo

ISSN: 1517 - 7858

7 APRESENTAÇÃO

ENSAIO

- 11** SECOND-WAVE UBIQUITOUS MUSIC APPROACHES TO KNOWLEDGE SHARING
Damián Keller
Leandro Costalonga

SEÇÃO TEMÁTICA

- 23** DO IMAGINAR AO VESTIR: PROCESSOS E EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS
SOBRE O RITO DE PASSAGEM - CASAMENTO
Elaine Karla de Almeida
Michele Dias Augusto

- 34** FEMINISMO DECOLONIAL E ARTE CONTEMPORÂNEA NAS AMÉRICAS
Elisa de Souza Martínez
Isabela Capinzaiki Silveira Martins

- 46** DONA DOMINGA, PARA ALÉM DAS ESCADARIAS DO PODER
Fabíola Fraga Nunes
Fabricio do Rosário Moreira
Giuliano de Miranda
José Cirillo

- 59** O GROTESCO ENTRE A SUBJETIVIDADE E A COLETIVIDADE: REVISITANDO O
PROJETO VENUS OF WILLENDORF DE BRENDA OELBAUM
Júlia Mello

- 70** CASTIEL VITORINO BRASILEIRO: VISUALIDADES SOBRE GÊNERO E RAÇA
Matheusa Moreira Nunes
Larissa Fabricio Zanin

- 81** CURADORIA DECOLONIAL: ARTISTAS NEGRAS NO ESPIRITO SANTO
Mayara Simões de Carvalho
Aissa Afonso Guimarães

- 91** DO PEITO DA PELE E YORÙBÁIANO: REFLEXÕES ACERCA DA ARTE COMO LOCAL DE EXISTÊNCIAS
Rafaela Maria Martins da Silva

ARTIGOS

- 101** LA PRESENCIA DE LA AUSENCIA EN EL ARTE
Mónica Elisa Contreras Godínez
- 111** A TEORIA DOS SISTEMAS DE LUHMANN E A LINGUAGEM MUSICAL
Kin Modesto Sugai
Vitorino Modesto dos Santos
- 120** O COMPLEXO CULTURAL CAIS DAS ARTES: MUSEU “SUSPENSO”
Neusa Maria Mendes
- 138** QUEBRAR O SILÊNCIO. REINVENTAR O LUGAR. AS CIDADES MUSICAIS AO SOM DO BREGA
Paula Guerra
- 153** ARQUIVOS PESSOAIS E DOCUMENTOS DE PROCESSO DE CRIAÇÃO: UMA IMBRICAÇÃO NECESSÁRIA
Rosa da Penha Ferreira da Costa

TRADUÇÃO

- 164** O COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTOS NO SEGUNDO CICLO DA MÚSICA UBÍQUA
Júlia Mello
- 176** **NORMAS DE PUBLICAÇÃO**
PUBLISHING STANDARDS

Apresentação

O número 28 da já consolidada Revista Farol tem como seu eixo principal conceitos que moldam o dossiê temático “Feminismo e decolonialidade”. Os artigos aqui incluídos atestam a influência significativa que essas correntes teóricas e políticas têm exercido na arte contemporânea. Tal significa, como é razoável pensar hoje, a *reordenação*, ou *aggiornamento* cultural – a par da profunda transformação da dialética da relação arte/crítica que propicia, sob a forma de uma constelação móvel de enunciados, ao pesquisador teorizar o sentido e o posicionamento de práticas frente a um conjunto de disciplinas – a estética, a filosofia, a história, a antropologia, a psicanálise, a tecnologia, a invenção e, essencialmente, a arte – bem como a um contexto discursivo e visual que o envolve cultural e socialmente.

Tanto o feminismo, quanto a decolonialidade (ambas manifestações consideradas em suas mais variadas vertentes e desdobramentos), buscam desafiar e desconstruir estruturas de poder dominantes, questionando hierarquias sociais, políticas e culturais que perpetuam desigualdades e opressões. Nesse aspecto, testemunhamos produções artísticas que podem ser lidas como desarticuladoras dos discursos hegemônicos, ou ainda, da *colonialidade do poder* que, de acordo com a antropóloga argentina Rita Segato (2003), se refere ao padrão de dominação imposto pela nova ordem colonial/moderna. Nos trabalhos analisados, artistas propõem diálogos interseccionais, sobretudo no que diz respeito ao *viver descolonial*, definido pela autora como a tentativa de procurar aberturas em um território totalizado pelo esquema binário, construído pelo pressuposto de que sempre houve hierarquia e relações de poder desiguais, mas que “[...] com a intervenção colonial estatal e a imposição da ordem da colonialidade/modernidade, essa distância opressiva se agrava e amplifica”¹.

Nesse sentido e, em busca de diálogos em torno de artes mais inclusivas, diversas e politicamente engajadas, este número ganha forma, enfatizando produções que tratam de temas como: artistas mulheres e artes nas Américas, arte pública capixaba, representação do corpo na contemporaneidade, interdisciplinaridade entre moda, artes cênicas e instalação, questionamento de estereótipos de gênero, identidade, sexualidade e religião. Alinham-se a essas investigações, estudos que permitem abordagens que dão amplitude às diversas linguagens e manifestações no campo das artes, dentre eles: música e compartilhamento de conhecimentos, teoria dos sistemas e conhecimento sociológico, arte e memória, *arquitetura hostil* e arte urbana, *brega* e Sul Global, silêncio simbólico e o lugar social do museu.

Essa combinação heterogênea de elementos diversos permite reconhecer nas artes uma forma plural entre percepção, recepção, troca e compartilhamento, a caminho de novos pontos de vista, sem hierarquizações. O ensaio de abertura deste número, “Second-wave ubiquitous music approaches to knowledge sharing”, de Damián Keller e Leandro Costalonga, direciona para o reconhecimento da atividade musical como situada e corporizada, considerando ambientes educacionais formais e

¹ Rita Segato. “Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos”. 1 ed. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003, p. 62.

informais em dois estudos de caso específicos: o uso do “sistema jam2jam e o uso de pistas sonoras ambientais”. Neste contexto, os autores sugerem que, ambos, estímulos ambientais e interações sociais, contribuem para a produção de conhecimento no contexto das atividades musicais criativas.

Elaine Karla de Almeida e Michele Dias Augusto, no artigo “Do Imaginar ao Vestir: processos e experimentações artísticas sobre o rito de passagem - casamento”, interrelacionam o projeto artístico “Mirar-Imaginar-Vestir” a estudos de trajes cênicos e de ritos de casamento, reverberando o imaginário das narrativas literárias e das imagens presentes na sociedade ocidental.

No artigo “Feminismo decolonial e arte contemporânea nas Américas”, de Elisa de Souza Martínez e Isabela Capinzaiki Silveira Martins, reflete-se sobre a produção de artistas mulheres interseccionada a uma análise sociológica das artes nas Américas. Questões de gênero e da decolonialidade são tratadas, sobretudo nas obras de Rosana Paulino e Marcela Cantuária.

O texto “Dona Dominga, para além das escadarias do poder”, de Fabíola Fraga Nunes, Fabricio do Rosário Moreira, Giuliano Miranda e José Cirillo, destaca a relação da história e o apagamento de personalidades capixabas, através de uma análise do monumento público “Dona Dominga”, do escultor Carlo Crepaz.

Com temática articulada às questões de gênero e padrões corpóreos, o texto “O grotesco entre a subjetividade e a coletividade: revisitando o projeto Venus of Willendorf de Brenda Oelbaum”, de Júlia Mello, apresenta uma análise de trabalhos da artista Brenda Oelbaum, entrecruzando processo de criação e confronto às dietas e padrões corpóreos. A Venus of Fonda, trabalho executado com a técnica de papier mâché, utilizando páginas de livros de dieta da atriz Jane Fonda, compõe a capa deste número da revista.

Matheusa Nunes e Larissa Zanin, em “Castiel Vitorino Brasileiro: visualidades sobre gênero e raça”, propõem novos rumos para as reflexões em torno das questões de gênero e étnico-raciais, trazendo à tona a relação entre pertencimento/identidade, novos modos de existir (e resistir) e traumas coloniais na análise de “Corpo-Flor”, trabalho permeado pelo debate através do corpo.

Mayara Simões de Carvalho e Aissa Afonso Guimarães, em “Curadoria Decolonial: artistas negras no Espírito Santo”, trabalham repensamentos em torno da história da arte e de suas construções socioculturais que invisibilizam questões de gênero e de raça/etnia, direcionando para a produção artística capixaba.

Rafaela Maria Martins da Silva, em seu texto “Do peito da pele e Yorùbáiano: reflexões acerca da arte como local de existências”, apresenta um contraponto ao cristianismo, considerando a videoinstalação do coletivo Rachadura Visual e “Yorùbáiano” de Ayrson Heráclito e os modos de pensar os corpos queers, pretos e o território religioso afro-brasileiro.

Contemplando os artigos de temática livre, Mónica Elisa Contreras Godínez em seu artigo “La presencia de la ausencia en el arte” discute a relação da memória com a arte contemporânea, expressa em diferentes formas, considerando a construção de relíquias pessoais no contexto da pandemia e resultando no reconhecimento do corpo como recurso primário da vitalidade.

Kin Modesto Sugai e Vitorino Modesto dos Santos, apresentam o texto “A Teoria dos Sistemas de Luhmann e a linguagem musical”, o qual analisa, segundo a teoria luhmanniana dos sistemas, o enquadramento da linguagem musical associado à arte e linguagem musical, enfatizando o valor do

improvisado na prática interpretativa.

Com a proposta de aproximar o Cais das Artes ao Museu Nacional do Coches, projetos do arquiteto capixaba Paulo Mendes da Rocha, Neusa Maria Mendes, em “O complexo cultural Cais das Artes: museu ‘suspense’”, correlaciona a dinâmica portuária a qual se localizam ambos os espaços com a tríade museu, cidade e sociedade. A história cultural e local se dinamizam para repensar o sistema da arte no Espírito Santo.

O texto “Quebrar o silêncio. Reinventar o lugar. As cidades musicais ao som do Brega”, de Paula Guerra, explora os conceitos de bregafunk e tecnobrega, sob uma perspectiva decolonial que visa aproximar a situação do Sul Global à perspectiva das cidades musicais e das percepções em torno da criatividade.

Rosa da Penha Ferreira da Costa, em “Arquivos pessoais e documentos de processo de criação: uma imbricação necessária”, explora a importância dos arquivos pessoais na preservação da memória e na pesquisa, ao definir, discutir exemplos e relacionar sua relevância com documentos de processo de criação, dentro do âmbito da arquivologia.

Esta proposta editorial de multifaces e dimensões, demarca uma maneira particular de efetivar a troca entre análises textuais, artistas, obras, público, espaços e manifestações que está envolvida no histórico da Revista Farol. Habitamos momentos, circunstâncias, corpos e experiências. Vivenciamos momentos de afirmações, contradições, desconstruções e repensamentos. Nos movemos em prol de novas visualizações, visibilidades e percepções. Cada artigo traz uma busca à autonomia e à expressão, tanto individual, quanto coletiva.

Agradecemos a todas as pessoas que colaboraram com sua energia, competência e profissionalismo para que o número 28 da Revista Farol viesse a público.

Desejamos boa leitura!

Editores
Inverno 2023